A mala voadora

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um comerciante tão rico que poderia pavimentar a rua inteira, e quase uma viela a mais, com moedas de prata. Mas ele não fazia isso: sabia empregar seu dinheiro de outro modo, e, quando gastava um skilling, recebia um táler de volta. Era esse tipo de comerciante — e então morreu.

O filho ficou com todo aquele dinheiro e levou uma vida de prazeres: ia a bailes de máscaras todas as noites, fazia pipas com notas de táler e, em vez de pedras, lançava moedas de ouro sobre o lago para vê-las saltar na água. Assim o dinheiro tinha mesmo de acabar, e acabou. Por fim, só lhe restavam quatro skillings, e ele não tinha outra roupa além de um par de chinelos e um velho roupão. Seus amigos já não queriam saber dele, pois não poderiam sair juntos pela rua daquele jeito. Mas um deles, que era bom, mandou-lhe uma velha mala e disse:

— Arrume suas coisas!

Era uma boa ideia, só que ele não tinha coisa alguma para arrumar; então se meteu dentro da mala.

Era uma mala muito esquisita. Bastava apertar a fechadura para ela voar. E foi o que aconteceu: zás! Subiu com ele pela chaminé, bem acima das nuvens, para cada vez mais longe. O fundo estalava, e ele estava apavorado, com medo de que a mala se desmanchasse, pois nesse caso daria uma bela cambalhota! Deus nos acuda! Assim ele chegou à terra dos turcos. Escondeu a mala na floresta, debaixo das folhas secas, e entrou na cidade. Podia fazer isso

perfeitamente, pois ali todos os turcos andavam, como ele, de roupão e chinelos. Encontrou então uma ama com uma criancinha.

— Escute, ama turca! — disse ele. — Que grande palácio é aquele perto da cidade? As janelas ficam tão no alto!

— Ali mora a filha do rei! — respondeu ela. — Foi previsto que ela será muito infeliz por causa de um namorado. Por isso, ninguém pode visitá-la sem que o rei e a rainha estejam presentes!

— Obrigado! — disse o filho do comerciante.

Foi até a floresta, entrou na mala, voou para o telhado e se esgueirou pela janela até a princesa.

Ela dormia no sofá e era tão linda que o filho do comerciante não pôde deixar de beijá-la. Ela acordou muito assustada, mas ele disse que era o deus dos turcos, que descera pelos ares para visitá-la, e isso lhe agradou.

Os dois se sentaram lado a lado, e ele contou histórias sobre os olhos dela: eram os mais belos lagos escuros, onde os pensamentos nadavam como sereias. Contou também sobre a testa dela: era uma montanha de neve com os mais esplêndidos salões e quadros. E contou sobre a cegonha que traz as criancinhas tão doces.

Eram mesmo histórias encantadoras! Então ele pediu a princesa em casamento, e ela aceitou imediatamente.

— Mas o senhor precisa voltar no sábado — disse ela. — O rei e a rainha virão tomar chá comigo! Ficarão muito orgulhosos de que eu me case com o deus dos turcos. Mas trate de saber um conto realmente bonito, porque meus

pais gostam muito disso. Minha mãe quer que seja moral e distinto, e meu pai quer que seja divertido, para fazer rir!

— Pois não trarei outro presente de casamento além de um conto! — disse ele.

E se despediram. A princesa, porém, lhe deu um sabre enfeitado com moedas de ouro, e disso ele estava precisando especialmente.

Ele voou dali, comprou um roupão novo e se sentou na floresta para inventar um conto. Precisava terminá-lo até sábado, e isso não é tão fácil assim.

Então o conto ficou pronto, e então era sábado.

O rei, a rainha e toda a corte esperavam com o chá nos aposentos da princesa. Ele foi recebido com muita gentileza!

— Então conte-nos uma história! — disse a rainha. — Uma que seja profunda e instrutiva!

— Mas da qual a gente também possa rir! — disse o rei.

— Pois não! — respondeu ele, e começou. Agora é preciso prestar muita atenção.

— Era uma vez um maço de fósforos. Eram extraordinariamente orgulhosos, porque tinham origem nobre. Sua árvore genealógica, isto é, o grande pinheiro do qual cada um deles fora uma lasquinha, tinha sido uma grande árvore antiga da floresta. Agora os fósforos estavam numa prateleira, entre um acendedor de pederneira e uma velha panela de ferro, e lhes contavam sobre sua juventude:

“Ah, quando estávamos no ramo verde!”, diziam. “Naquele tempo, sim, estávamos num ramo verde! Todas as manhãs e todas as tardes tínhamos chá de diamantes — era o orvalho. Tínhamos luz do sol o dia inteiro, quando o sol brilhava, e todos os passarinhos tinham de nos contar histórias. Bem podíamos perceber que éramos ricos, porque as árvores de folhas caducas só estavam vestidas no verão, mas nossa família podia se dar ao luxo de usar roupas verdes tanto no verão como no inverno. Então vieram os lenhadores: foi a grande revolução, e nossa família se dispersou. O senhor da linhagem conseguiu um lugar como mastro principal de um navio magnífico, capaz de dar a volta ao mundo, se quisesse; os outros ramos foram para outros lugares, e agora temos a missão de acender a luz para a plebe desprezível. Foi por isso que nós, gente distinta, viemos parar aqui na cozinha.”

“Pois comigo as coisas são diferentes!”, disse a panela de ferro ao lado da qual estavam os fósforos. “Desde que vim ao mundo, já me esfregaram e me puseram a ferver muitas vezes! Cuido do que é substancial e, para dizer a verdade, sou a primeira aqui nesta casa. Minha única alegria é, depois da refeição, ficar limpa e bonita na prateleira, conversando sensatamente com os companheiros. Mas, com exceção do balde de água, que de vez em quando desce ao pátio, vivemos sempre dentro de casa. Nossa única portadora de notícias é a cesta de compras, mas ela fala de um jeito tão inquietante sobre o governo e o povo! Outro dia, uma velha panela caiu de susto e se quebrou em pedaços! Aquela cesta tem ideias liberais, eu lhes digo!”

“Você já está falando demais!”, disse o acendedor de pederneira, e o aço bateu na pedra, soltando faíscas. “Não deveríamos passar uma noite alegre?”

“Sim, vamos conversar sobre quem é mais distinto!”, disseram os fósforos.

“Não, eu não gosto de falar de mim mesma”, disse a panela de barro. “Vamos ter uma diversão noturna! Eu começo: vou contar algo que todo mundo já viveu. É tão agradável reconhecer essas coisas, e tão divertido: junto ao mar Báltico, junto às faias dinamarquesas!”

“Que belo começo!”, disseram todos os pratos. “Com certeza vai ser uma história de que gostarei!”

“Sim, ali passei minha juventude numa família sossegada. Os móveis eram encerados, o chão era lavado, punham-se cortinas limpas a cada quinze dias!”

“Como a senhora conta coisas interessantes!”, disse o espanador. “Logo se percebe que é uma mulher quem está contando; há um ar tão asseado em tudo isso!”

“Sim, a gente sente isso!”, disse o balde de água, e deu um pulinho de alegria, fazendo plá! no chão.

E a panela continuou a contar, e o fim foi tão bom quanto o começo.

Todos os pratos tilintavam de alegria. O espanador pegou salsa verde no buraco da areia e fez uma coroa para a panela, porque sabia que isso irritaria os outros. “Se eu a coroo hoje”, pensou ele, “ela me coroará amanhã.”

“Agora vou dançar!”, disse a tenaz do fogo, e dançou. Sim, Deus nos acuda, como ela conseguia jogar uma perna para o alto! O velho revestimento da cadeira, ali no canto, se rasgou só de olhar! “Posso ser coroada, então?”, perguntou a tenaz, e foi.

“Não passam de plebe!”, pensaram os fósforos.

Agora o aparelho de chá devia cantar, mas disse que estava resfriado: não podia cantar sem estar fervendo. Era, porém, pura afetação; só queria cantar quando estivesse sobre a mesa, lá dentro, junto aos donos da casa.

Na janela havia uma velha pena de escrever, que a criada costumava usar. Não havia nada de especial nela, além de ter sido mergulhada fundo demais no tinteiro; mas era por isso que se dava tanta importância. “Se o aparelho de chá não quer cantar”, disse ela, “que não cante! Lá fora há um rouxinol numa gaiola, e ele sabe cantar. É verdade que nunca aprendeu nada, mas hoje à noite não vamos falar mal disso!”

“Acho muitíssimo impróprio”, disse a chaleira, que era cantora de cozinha e meia-irmã do aparelho de chá, “que se dê ouvidos a um pássaro estrangeiro! Isso é patriótico? Vou deixar que a cesta de compras julgue!”

“Eu só me aborreço”, disse a cesta de compras. “Fico tão profundamente aborrecida quanto se possa imaginar! Isso é maneira de passar a noite? Não seria mais acertado pôr a casa em ordem? Cada um ficaria no seu lugar, e eu comandaria toda a coisa. Aí, sim, seria diferente!”

“Sim, vamos fazer barulho!”, disseram todos ao mesmo tempo. Naquele instante, a porta se abriu. Era a criada, e todos ficaram imóveis, sem dar um pio. Mas não havia uma só panela que não soubesse muito bem do que era capaz e de como era distinta. “Ah, se eu tivesse querido”, pensavam, “aí, sim, teríamos passado uma noite alegre!”

A criada pegou os fósforos e acendeu o fogo com eles. Deus nos acuda, como eles crepitavam e ardiam em chamas!

“Agora qualquer um pode ver”, pensaram eles, “que somos os primeiros! Que esplendor temos! Que luz!” E então se consumiram.

— Foi um conto maravilhoso! — disse a rainha. — Senti-me inteiramente na cozinha, junto dos fósforos. Sim, agora você terá nossa filha.

— Certamente! — disse o rei. — Você terá nossa filha na segunda-feira!

Pois agora eles o tratavam por "você", já que ele faria parte da família.

O casamento ficou marcado. Na véspera, toda a cidade foi iluminada; pãezinhos e rosquinhas eram atirados à multidão; os meninos de rua ficavam na ponta dos pés, gritavam vivas e assobiavam com os dedos na boca. Era tudo extraordinariamente esplêndido.

"Bem, eu também preciso tratar de fazer alguma coisa!", pensou o filho do comerciante. Comprou foguetes, estalinhos e todos os fogos de artifício imagináveis, colocou tudo na mala e voou pelos ares com eles.

Zás, como aquilo corria! E como estourava!

Todos os turcos saltavam, e seus chinelos voavam em torno das orelhas. Nunca tinham visto uma aparição daquelas no céu. Agora podiam compreender que era o próprio deus dos turcos quem se casaria com a princesa.

Assim que o filho do comerciante desceu novamente à floresta com sua mala, pensou: "Vou até a cidade para saber como foi visto lá de baixo!" Era muito natural que tivesse vontade de saber.

Nossa, como as pessoas contavam! Cada uma a quem ele perguntava tinha visto a coisa à sua maneira, mas para todos tinha sido maravilhoso.

— Vi o próprio deus dos turcos! — dizia um. — Tinha olhos como estrelas brilhantes e barba como águas espumantes!

— Voava num manto de fogo! — dizia outro. — Os mais lindos anjinhos espiavam por entre as pregas!

Sim, eram coisas maravilhosas as que ele ouvia, e no dia seguinte seria seu casamento.

Voltou então à floresta para entrar na mala — mas onde estava ela? A mala tinha pegado fogo. Uma faísca dos fogos de artifício ficara ali, provocara um incêndio, e a mala virara cinzas. Ele já não podia voar, já não podia voltar à sua noiva.

Ela ficou o dia inteiro no telhado, esperando, e ainda espera. Ele, porém, anda pelo mundo contando histórias, mas elas já não são tão alegres como aquela que contou sobre os fósforos.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Revisão: Codex · revisão independente por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-mala-voadora